

“AmarElo”: O Rap de Emicida como recurso didático para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira¹

Petrin Brasil da Silva²
Arcangelo da Silva Ferreira³

Resumo

A música é um importante recurso didático para o ensino de história nas escolas, podemos ouvir as músicas de protestos de um determinado período e perceber que são repletos de críticas ao contexto em que foram escritas. Dessa forma, este artigo propõe o uso de raps na sala de aula, dando ênfase ao documentário de Emicida feito a partir do último álbum lançado “AmarElo”. Para desenvolver esse trabalho, escolhemos quatro músicas centrais para analisar e promover debates, especificamente sobre a história e cultura afro-brasileira, a partir das leis 10.639/03 e 11.645/08 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura Africana e Indígena no currículo escolar. Além disso, as letras das músicas são repletas de significados e abordam temáticas sociais importantes para a produção de conhecimentos. Utilizamos autores como Righi (2011), Pimentel (1997) e Costa (2013). Pretendemos ampliar os recursos de ensino de história na sala de aula, utilizando as expressões de personagens que contam as dificuldades de se viver em periferias, convivendo com desigualdades como as raciais, sociais, de gênero, e através dos raps, pode-se impulsionar debates entre os estudantes.

Palavras-chaves: Emicida; RAP; História e Cultura Afro-Brasileira; AmarElo; Ensino de História.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (BENJAMIN, p. 224, 1987).

Considerações Iniciais

Este artigo tem como proposta a utilização do documentário “Amarelo - é tudo pra ontem” como recurso didático para o ensino de História e Cultura afro-brasileira, especificamente porque o documentário parte do lançamento do álbum “Amarelo”, que contém letras de Raps cantadas pelo artista Emicida. Esse gênero musical traz em sua essência críticas sociais vivenciadas por aqueles que moram nas periferias brasileiras, transformando o que era apenas um estilo em movimentos de denúncia e conscientização a respeito de problemáticas.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

² Graduando do 8º período do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: petrin25br25@gmail.com.

³ Orientador. Doutor em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: adferreira@uea.edu.br

Nos últimos anos, o Rap tem cada vez mais ganhado espaço não só no cenário musical brasileiro, mas também nas pesquisas acadêmicas.

A escolha do tema se deu pela afinidade com o gênero musical desde a adolescência, e das próprias vivências como morador da periferia e pertencente a uma classe menos favorecida, compreendendo através das letras de Rap que muitos grupos viviam em situações similares, o utilizando também como uma fonte de reflexão acerca da sociedade como um todo e da própria história do Brasil. E frente a oportunidade de relacionar o Rap e história para a escrita do texto de conclusão de curso, propôs-se dinamizar o conteúdo a ser trabalhado na sala de aula, elencando com este veículo musical bastante presente na vida dos estudantes.

Sabe-se então que o Rap vai muito além de um gênero musical, é também um movimento cultural que tem como umas das principais características a temática social, cantadas por aqueles que vivenciaram essas problemáticas, e traz em suas letras a visão de um país desigual e injusto. Righi (2011), afirma que o Rap está muito próximo da realidade que se encontram os brasileiros negros e pobres, principalmente nas grandes cidades em que há maior concentração de favelas. Então as letras de rap são fundamentais para pensar o lugar em que se vive, como questões de classe, raça e gênero no Brasil.

Dentre as vozes que se destacam, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, nascido em 1985 em São Paulo, é uma das maiores revelações do hip hop⁴. Ele é cantor, compositor, produtor musical e desenhista, fez sua primeira aparição em 2005 nas batalhas de rima de improviso. Em 2019, o rapper lançou o álbum “AmarElo” que possui 11 faixas. O artista pretendeu “[...] reunir heranças, referências e particularidades encontradas na magnitude da música brasileira [...]” (Laboratório Fantasma, 2019)⁵. Além do álbum nas plataformas digitais, há também o documentário “Amarelo - é tudo pra ontem”, gravado em 27 de novembro de 2019, mas foi lançado em julho 2020, devido a pandemia do covid-19. É um filme de Leandro Roque de Oliveira, dirigido por Fred Ouro Preto e produzido por Evandro Fióti, sendo original da plataforma streaming Netflix e produzido pelo Laboratório Fantasma.

Esse documentário, é um registro dos bastidores de um show, mas também uma forma de representar muitos negros que foram apagados da história, assim como comenta o próprio

⁴ “O hip hop é uma cultura [...] Dentro do movimento existe quatro elementos principais. O Rap é uma sigla em inglês, que significa “Ritmo e poesia” e representa a música. O Grafite representa a manifestação artística visual e o Break representa a dança. Além disso, o DJ complementa os elementos”. Disponível em: <https://www.jornaldorap.com.br/noticias/hip-hop-e-o-que/>.

⁵ Laboratório Fantasma foi fundada por Emicida e seu irmão, o Fióti. Tem como objetivo exaltar a cultura urbana e inserir os pretos na indústria cultural. No princípio era chamado de Na Humilde Crew, funcionava como uma firma para gerenciar a venda de camisetas de mão em mão, mas hoje atua com agenciamento de artistas, produção de entretenimento, além de possuir uma loja virtual de vestuário.

Emicida em uma entrevista que deu para a revista A Gazeta, ele fala “Se essas figuras tivessem tido a visibilidade que elas merecem, se elas participassem da história oficial desse país, a nossa concepção a respeito do país provavelmente seria completamente diferente [...]”. A luta dos negros está bastante presente na produção, assim como a defesa das religiões de origem afro. Até mesmo o local que foi gravado o documentário, foi um momento simbólico, pois o Teatro Municipal de São Paulo antes era destinado somente à uma elite branca, embora tenha sido construído por negros. Então ele é um pouco da história do Brasil, onde o autor promove um diálogo profundo sobre os temas. Essa perspectiva inscrita no documentário, de certa forma, aproxima-se da concepção de história defendida por Walter Benjamin (1987), essencialmente, no seu escrito “Sobre o conceito de História”, onde o referido filósofo alemão faz apontamentos sobre a necessidade de se trazer à lume os sujeitos que estiveram na história, porém, são subsumidos na Historiografia. Ou seja, urge fazer justiça histórica: elucidar e dignificar o anônimo.

Estas duas fontes, então, são importantes para a pesquisa, nos fazendo compreender qual o significado do Álbum e do documentário para o momento em que foi lançado. Pretendemos também analisar as letras de algumas músicas que foram selecionadas. E por fim, dialogar sobre a proposta de utilizar o documentário “Amarelo - é tudo pra ontem” no ensino de história afro-brasileira.

As músicas a serem trabalhadas são “Principia”, “Eminência Parda” e “Ismália” presentes no álbum AmarElo⁶, além delas, a música “Mandume” também será abordada, embora ela não esteja no álbum AmarElo, mas sua letra está carregada de significados, a propósito de nossos objetivos nesse artigo.

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira não pode se limitar apenas ao livro didático, visto que nesse recurso de aprendizagem, o tema apenas se resume a colonização do Brasil, a questão da escravidão e revoltas. A cultura africana tem um papel muito importante na formação da sociedade brasileira, e seu papel ativo é silenciado em muitos livros didáticos. E por conta desse silenciamento, da ausência de conteúdos sobre o protagonismo da negritude, é que se criou a Lei 10.639, de 2003 - a inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação básica e Superior, que também teve sua alteração na lei 11.645/2008, assim como sua implementação, proposta de trabalho e ensino. Dessa forma reconhecendo o papel do negro na construção da sociedade brasileira e discutindo sobre a exclusão social evidente desse grupo no país.

⁶ O nome do álbum foi inspirado em um poema de Paulo Leminski que diz “amar é um elo entre o azul e o amarelo”

E o Rap, gênero musical, oriundo da Cultura Afro-Americana é um recurso valioso para se trabalhar na sala de aula. Primeiramente a função original do rap é denunciar os problemas sociais, criticar a desigualdade social, ser mensagem de esperança e conforto para a população mais pobre. No entanto, essas músicas em questão são até hoje consideradas como “música de marginal”⁷, mas foi a partir dela que o movimento Hip-hop cresceu. Assim, é caracterizado como um gênero musical onde o elemento mais importante são as letras, as rimas que vem com o propósito de expandir conhecimento.

Este artigo será dividido em três partes, sendo que o primeiro tópico abordará a **Metodologia** que foi utilizada para produzir o artigo. O segundo tópico **A origem do Rap: Um dos quatro elementos fundamentais do Hip Hop** apresentamos uma breve história do gênero musical, apontando sua trajetória até chegar ao Brasil, e apresentando o cantor Emicida, como seus principais trabalhos, pensamentos e características no estilo musical, até o momento em que o álbum foi lançado, para discutir a importância desses personagens que surgiram como uma forma de manifestar suas inquietações através da música, superando o silenciamento imposto a eles. Por fim, no último tópico denominado **RAP NAS AULAS DE HISTÓRIA: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alva”**, analisamos algumas letras de músicas do álbum “Amarelo”, as relacionando a um contexto histórico do Brasil, e discutimos a possibilidade de utilizar o documentário “Amarelo – é tudo pra ontem” nas aulas de história, são muitas temáticas sociais que podem ser vislumbradas nas letras, entre elas a contribuição negra para a história desse país, compreendendo assim a importância de uma reparação história em relação a essas pessoas.

1. Metodologia

Esta pesquisa está inserida no campo da História Social da Cultura e da Linguagem e no domínio da História e Ensino de História, pois é um trabalho de fronteiras, ou seja, no qual a investigação parte da fonte literária e da fonte visual, para entender o autor e a importância do álbum AmarElo dentro de uma conjuntura histórica brasileira e, por extensão, propor a utilização das referidas manifestações e representações artísticas com recurso didático para o ensino da história e cultura Afro-brasileira. Para alcançar os demais objetivos propostos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, para ter respaldo acerca da utilização do Rap nas aulas de história.

⁷ Termo pejorativo. Segundo o dicionário online de português, é o indivíduo que não respeita leis; criminoso: sujeito marginal. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/marginal/>.

Conforme a análise de Remedi (2002), Walter Benjamin acreditava que a experiência se colocava na memória, e a literatura era a única capaz de absorver as emoções e o particular. As letras de rap, no entanto, pelo seu próprio nome é entendido como uma poesia, pois significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), até mesmo por sua cadência peculiar e seu canto-falado, o que difere de uma simples narrativa poética. Contudo, como fala Righi (2011):

A tematização das letras gira em torno da violência, da opressão, da discriminação, abordadas geralmente com um tom provocador. O RAP aborda, também, e de um modo bem peculiar, questões consideradas polêmicas, como prostituição, estupro, pedofilia, sexualidade, sistema carcerário, fome, miséria, discriminação racial, tráfico e consumo de drogas, violência de toda ordem, assassinatos cruéis, vingança, inveja, corrupção política, corrupção na polícia, falência das Instituições e do Estado, religião, educação ineficiente e ineficaz. (RIGHI, 2011, p. 68).

Então, cabe à pesquisa compreender a relação entre literatura e história e como tratar essa fonte, especificamente as letras de rap do Emicida. Napolitano (2005), diz que as fontes audiovisuais cada vez mais ganham espaço nas pesquisas, são fontes novas e desafiadoras. Os documentos atualmente na história, não são somente mais papéis e tão pouco falam por si só, o mesmo conceito se dá às fontes audiovisuais e musicais, não se tornam registros da realidade absoluta. A questão dessas fontes é perceber as suas estruturas internas e seus mecanismos de representação da realidade. Então, essas fontes devem ser analisadas a partir de um sistema e respondendo a questões como data, autoria, condições de elaboração, coerência histórica, seu potencial informativo sobre um processo histórico, entre outros.

Além disso, foi necessário entender qual o sentido de história no álbum AmarElo e o documentário produzido a partir dele, quais outros temas são recorrentes nas letras das músicas e porque muitas pessoas se veem representadas nessas poesias. Sabe-se que muitos sujeitos foram excluídos na Historiografia brasileira, e tratando especificamente da Cultura AfroBrasileira, há nas entrelinhas das falas do artista uma preocupação em debater a Justiça histórica.

Sugerimos a utilização do documentário “AmarElo - é tudo pra ontem” uma produção da plataforma de streaming Netflix em parceria com o Laboratório Fantasma a partir do álbum do rapper Emicida, como proposta de utilizá-lo em aula para ensinar história e história afro-brasileira. Mas por que o documentário?

Bitencourt (2008, p. 107) afirma que com as novas tecnologias, os métodos atuais de ensino têm que se articular para que a escola possa se identificar com as novas gerações, essas

que pertencem as ditas cultura das mídias, pois com o avanço tecnológico, surgiu novas referências para a produção de conhecimento. Além disso, este audiovisual, mostra os bastidores da apresentação que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo, e Emicida contextualizou todas as suas produções do álbum Amarelo à história do negro no Brasil, dando ênfase nas contribuições negras em relação a cultura, demografia e economia.

O documentário traz elementos Históricos da Cultura Afro-Brasileira, acontecimentos importantes e reflexões que contribuem para entendermos a nossa sociedade. Mas, em relação a utilização de documentários, Sales (2009), afirma que não há um consenso se o uso de documentários em sala de aula é uma forma de mostrar a verdade aos alunos. No entanto, a proposta é analisá-los através de um olhar crítico, pois o documentário é constituído de perspectivas daqueles que os produzem, logo essa atividade leva os alunos a se tornarem cidadãos críticos. Então, essa proposta política de Emicida e de outros rappers, está fortemente no Brasil, sendo uma mensagem importante que trazem para o contexto atual, uma forma de manifesto e intervenção na vida social.

E nas aulas de História, esses recursos podem ser aproveitados onde acontecimentos históricos estão bem presentes. O rap possui músicas fundamentais que podem ser trabalhadas nas aulas de História afro-brasileira, com características da Cultura africana, é evidente que podemos ver letras que falam sobre a diversidade religiosa, a luta negra, a desigualdade social, e até mesmo adquirir um novo olhar sobre o gênero musical, da forma como ele é cantado pelo artista.

2. A origem do Rap: Um dos quatro elementos fundamentais do Hip Hop

Para entender a origem do Rap, é preciso voltar no início dos anos 1960 onde aconteciam diversas crises sociais nos Estados Unidos, várias mudanças estavam ocorrendo no cenário urbano e a Guerra Fria marcava aquele contexto. Essas mudanças tornaram a vida das pessoas mais difíceis, principalmente daquelas que viviam nos guetos e periferias.

Sobre esses dois últimos termos, Costa (2013, p. 42) afirma que eles possuem similaridades pois são espaços de segregação e exclusão social, em ambos os locais habitam negros em sua maioria, são pessoas pobres ou miseráveis, esses locais são considerados perigosos para moradia e onde tem um alto índice de marginalidades e crimes. Sabendo das similaridades, o autor coloca as diferenças, sendo o gueto “[...] um espaço de segregação de determinada etnia ou etnias vistas como sendo inferiores, parasitárias e incapazes de se integrarem à dinâmica econômica, moral e cultural de determinada maioria” (COSTA, 2013, p.

42). E a favela, também um espaço de exclusão social, com a maioria dos moradores sendo afrodescendentes, sendo a pobreza uma problemática comum, esquecidos pelas políticas públicas.

Retomando ao contexto dos Estados Unidos, Pimentel (1997) afirma que os jovens haviam abandonado a escola, viviam nas ruas desocupados, eram descriminalizados no mercado de trabalho. Além disso, as ruas eram sujas e abandonadas, com pouco espaço para o lazer, essa precariedade afetava principalmente a comunidade negra onde a maioria vivia nos bairros periféricos dos EUA e sofriam com as leis segregacionistas que só empurravam a comunidade negra para a margem da sociedade. No entanto, vários grupos se reuniam e se inspiravam em líderes que já lutavam contra a desigualdade social e o racismo, fazendo protestos e manifestações como Malcom X e Martin Luther King.

Temos de lembrar também que os anos 60 foram um tempo de agitações políticas nos EUA como um todo. Por dez anos, entre 65 e 75, os EUA fizeram guerra ao Vietnã, pequeno país na Ásia. Era a época da Guerra Fria, os americanos temiam que o comunismo dominasse o mundo. Por isso, o governo queria derrotar o exército comunista do Vietnã do Norte e Manter o Capitalismo no Vietnã do Sul. Não apenas não conseguiu, como enviou para a Morte dezenas de milhares de jovens americanos, produziu outros tantos mutilados e traumatizados pela violência que haviam presenciado (muitos voltaram viciados em drogas, principalmente heroína) e causou fortes reações internas em seu país. (PIMENTEL, 1997, p. 03).

Esses acontecimentos geraram agitações por diversas partes do país, e que também influenciou nas manifestações e expressões artísticas de muitos grupos que não concordavam como o governo estava lidando com a sociedade americana em relação às centenas de vítimas da guerra do Vietnã. No hip hop, essa insatisfação está representada no break dance onde alguns movimentos têm nomes influenciados pela guerra, como giro de cabeça, rabo de saia, saltos mortais, entre outros⁸, que demonstram a situação que os jovens voltavam da Guerra.

O grupo chamado Black Panthers (poder negro) foi um dos movimentos importantes que deram seguimento após a morte de King, onde se organizaram fazendo atividades comunitárias, criaram uma revista que foi vendida para milhares de pessoas, e tinha um programa político revolucionário. A princípio, o objetivo do movimento não era desafiar o governo, mas buscar autonomia para decidir os rumos da própria comunidade Negra, porém a

⁸ Conforme Pimentel (1997) O giro de cabeça, em que o indivíduo fica com a cabeça no chão e, com os pés para cima, procura circular todo o corpo, simboliza os helicópteros agindo durante a guerra.

mídia associou o grupo à conflitos armados e mesmo com a repressão, consolidaram suas ideias no hip hop.

Os imigrantes que vieram da Jamaica, devido à crise econômica que estava ocorrendo, trouxeram também elementos culturais e práticas de sua nação, principalmente costumes musicais (OLIVEIRA, 2011). Novos estilos e ritmos musicais estavam surgindo como o soul e o Funk, as raízes do rap surgem desses estilos musicais negros que ganharam notoriedade, mas que gradativamente foram incorporados pela população branca. Assim, Pimentel diz que:

Naturalmente, tudo que os negros passavam era expresso em suas canções. E como o povo preto dos EUA estava cada vez mais consciente socialmente, devido a toda a luta política, cada vez mais cantava ideias de mudança de atitude, valorização da cultura negra, revolta contra os opressores. Porém, novamente o sistema tentava diluir os ataques feitos a ele. Contratos milionários eram oferecidos para os artistas do funk. Artistas alienados eram levados para as grandes gravadoras, enquanto brancos, mais uma vez, passavam a imitar as inovações da música negra – como acontecera com o rock, cujo rei, Elvis Presley, conseguiu tanta fama justamente por ser um branco com uma voz bem parecida com a dos negros que cantavam blues e R&B. (PIMENTEL, 1997, p. 05).

Então foi nos anos 1970 que o movimento hip hop nasceu, sendo o seu berço Bronx, um distrito de Nova Iorque. Os jovens buscavam nas ruas um espaço onde pudessem se manifestar e se identificar.

Como foi citado, o hip hop é composto por quatro elementos fundamentais, além do rap, havia o grafite que são as reproduções de desenhos ou textos pintados em paredes com alguma crítica, reflexão ou mensagem; o break dance que consiste na dança com movimentos peculiares; há também o MC (mestre de cerimônia) considerado o anfitrião de um evento, cantando e com habilidades de cativar o público, e o DJ (*disc jockey*, ou em português, disco jôquei), que é responsável por criar a base musical para os demais elementos. Essa prática cultural

[...] acontecia ali nas ruas dos guetos nova-iorquinos na década de 70. Época tumultuada, mas muito estimulante para a criatividade. Grafiteiros, breakers e rappers não tardaram a realizar as primeiras atividades conjuntas, afinal era nada menos que o natural, eles conviviam no mesmo espaço, eram todos jovens, marginalizados, pobres, tinham os mesmos problemas, desejos e gostos. (PIMENTEL, 1997, p. 10).

A Arte Hip Hop nos muros, pelos grafiteiros, nas acrobacias dos B. boys que praticavam o break dance e os versos improvisados pelos jovens reunidos para fazer o rap.

Misturando a criatividade com tradições orais oriundas da África, cultura na qual, a população branca não entendia pelas gírias negras que eram um dos elementos fundamentais na elaboração dos versos que envolvia técnicas de memorização e improvisação para fazer as rimas. Tanto que Pimentel (1997) afirma que o DJ vindo da Jamaica chamado Kool Herc foi um dos precursores do Rap, na qual, em seu país, os DJ's costumavam a fazer versos improvisados sobre versões dub (chamado de remixagem artesanal) de seus reggaes preferidos. Além disso, mandavam mensagens políticas e espirituais enquanto reproduziam os seus sons ao público.

Mas nos anos 1970, Funk e Soul, que eram gêneros Afro-Americanos estavam fazendo sucesso na época, então Kool Herc adaptou seu estilo, trazendo equipamentos de seu país para Bronx, onde nas festas de ruas começou a cantar seus versos em cima de instrumentais das músicas mais populares da região. Foi a partir dessas novas práticas em Bronx que o Rap foi se desenvolvendo, e sobre o conceito, é traduzido

Como expressão musical e verbal, o rap *Rhythm and poetry* que significa ritmo e poesia, são versos ritmados que contam histórias, levam informação à periferia, falam sobre dificuldades que a população mais carente enfrenta, serve como meio de denunciar a discriminação, a injustiça e a violência, tudo isso feito por meio do tom sério, humorístico ou irônico. Acessível a qualquer pessoa, o rap se tornou bastante popular, pois é notório que não precisa de muitos recursos para fazer rimas, os *rappers* podem criar o que quiser, não existem regras, basta ser original e acompanhar as batidas das músicas. (CONCEIÇÃO, 2010, p. 4).

O ritmo se tornou popular, se aperfeiçoando com outros mecanismos criados por outros Djs, que contribuíram para o desenvolvimento do Rap. É interessante ressaltar que o MC e o DJ é que davam impulso ao estilo musical. No entanto, cada um foi se aperfeiçoando e, sobre isso, Pimentel (1997) afirma que Hip Hop se assenta sobre quatro bases, não sobre três como sugerem muitos outros autores. A arte do DJ e a do MC surgiram como dois elementos separados, as que se complementam. Suas evoluções aconteceram simultaneamente, porém cada um desenvolvendo seus próprios recursos.

2.1. A Cultura de rua chega ao Brasil

Nos anos de 1980 Rap já era bastante conhecido no país norte-americano, tornando-se a face mais visível do Hip Hop. Enquanto no Brasil, o primeiro elemento do movimento a ficar popular foi o Break, onde os bailes Black aconteciam no Rio de Janeiro frequentemente com ritmos de Soul e Funk, e muitos desses eventos se espalharam por outros lugares do país como

Brasília, São Paulo e Salvador. Consistia em um espaço amplo que juntava os mais variados setores da juventude urbana, onde a maioria eram negros.

Segundo Oliveira (2011), esses jovens se deslocavam para esses locais com intuito de dançar, se divertir, namorar, e nesses espaços o que predominava eram as músicas negras estadunidense. Além disso, a produção brasileira de Tim Maia, Jorge Ben, Toni Tornado, entre outros, tocavam, cujas composições eram extraídas de fragmentos e frases musicais que proporcionaram elaborações de raps.

Pimentel (1997), por sua vez afirma, que os primeiros rappers cantavam nas ruas, ao som de latas, palmas e beat box. Nesse período, no Brasil se desconhecia o conceito de Rap, e por causa do estilo e da fala rápida, o denominaram de “tagarela”. Os bailes, como já dito, foram importantes para dar destaques ao novo ritmo que vinha dos EUA.

Com os produtos culturais em circulação no mercado, certas práticas foram sendo difundidas por discos, bailes, televisão, filmes e revistas. Nesse passo, a linguagem do rap foi sendo consumida e incorporada por novos sujeitos, em novos contextos. Nas reuniões para se ouvir discos dos artistas preferidos, na tentativa de cantar suas músicas, e no ensaio desprezioso das primeiras rimas está o germe de um processo que consolidou um novo jeito de parte da população brasileira se expressar: ‘a gente não imaginava que seria capaz de fazer rap. A gente fazia rimas batucando nas latas de lixo’, lembra MC Jack, enquanto rememora os encontros na Estação São Bento. (Oliveira, 2011, p. 38).

Assim, o rap foi se tornando popular, saindo das ruas e indo para os palcos de festas e bailes, sendo as principais atrações além do break dance, ganhando grande visibilidade construindo formas de identidade e experiências novas para a juventude da época. Grupos de rappers foram se formando onde ganhavam notoriedade nos bailes *blacks*.

Nos anos 90 o rap nacional começa a ganhar as rádios e principalmente a indústria fonográfica, surgindo os primeiros rappers com maior visibilidade, que foram Thayde e DJ Hum. Nesse mesmo período surgiram grupos que são destaque até hoje no país, são eles: Racionais MCs, Pavilhão 9, Detentos do Rap, Câmbio Negro, Xis & Dentinho, Planet Hemp, Faces da Morte. Alguns desses grupos não existem mais, outros se desfizeram, dando origem a carreiras solo, com destaque para Marcelo D2 e outros continuam atuando, com grande destaque para o Racionais MCs (para muitos dos ouvintes e dos críticos musicais é, até a atualidade, a principal banda de rap do Brasil). (CELESTE, 2019, p. 72).

Pimentel (1997) comenta que nada pôde impedir a explosão do rap nacional. No entanto, esse novo estilo musical passou por transformações no Brasil, mas sem perder a essência, onde não se diferenciava dos bairros periféricos dos EUA. O Rap se consolidava como

trilha sonora da periferia, escolhido pela juventude negra como aquela que representava suas ideias. O ato de segurar o microfone e se manifestar através da voz e da rima é uma das características essenciais onde protestam contra a problemática social envolta à marginalidade que se faz tão presente na função social que desempenham dentro da sociedade de borda (NASCIMENTO; SIMON, 2011).

Oliveira (2011) ressalta que o Hip Hop teve sua história ampliada graças a adeptos brasileiros que passaram a se dedicar a essa arte, não apenas em São Paulo, mas quase simultaneamente em várias cidades do país. Nas letras, se narravam episódios de violência, de consumo de drogas, da péssima condição de vida nos bairros periféricos, as condições de miséria e abandono, as situações de marginalização. Para os rappers brasileiros, não importava de onde veio aquele estilo de música, e sim, que ela era o modo pela qual podiam se manifestar.

2.2 Quem é o rapper Emicida?

Primeiramente é relevante ressaltar que nos Estados Unidos, onde o Rap surgiu e se tornou popular, as batalhas de breaking dance entre as gangues urbanas era o elemento com mais evidência do Hip Hop. No entanto, as batalhas de rima também se tornaram popular, e no Brasil não foi diferente.

Nas grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro as brincadeiras de fazer rima começaram a se expandir fazendo com que MC's se enfrentassem através das rimas improvisadas, e o seu adversário respondendo também com a mesma criatividade. Assim, as batalhas de rap foram se organizando e o público poderia acompanhar e fazer parte do evento.

Um local bastante frequentado pelos jovens para participar das batalhas freestyle foi a estação do metrô de Santa Cruz, onde o Emicida começou a sua carreira e posteriormente veio ganhar bastante visibilidade não só no Brasil. E por sua arte ter crescido a partir desses embates de rima, o rapper é considerado um dos responsáveis em elevar a batalhas de rap a um nível nacional, expandindo assim esta cultura. O seu nome artístico é uma junção de MC e Homicida, pois os amigos o chamavam assim porque ele “assassinava” todos os seus adversários com suas rimas. Ele venceu onze vezes consecutivas a Batalha do Santa Cruz e por doze vezes a Rinha dos Mc's, outro evento de batalha de Rap.

Sua carreira como Rapper começou em 2008 quando lançou seu primeiro single “Triunfo” que vendeu 700 cópias em um mês. Seu trabalho de estreia foi lançado em 2009, um mixtape com 25 faixas, reunindo todas as suas composições, intitulado “Pra quem já mordeu

um cachorro por comida até que cheguei logo”, neste mesmo ano também fundou a gravadora Laboratório Fantasma.

A partir de então ele foi indicado a premiações musicais, lançou novos singles, EP's, mixtapes, clipes, realizou shows pelo país e pelo mundo. Em 2013 lança o álbum “O Glorioso Retorno De Quem Nunca Esteve Aqui” que teve participações de inúmeros outros artistas, sua mãe e sua filha. O seu segundo álbum “Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...” foi lançado em 2015 na qual sua viagem para África foi sua inspiração para as faixas, e entre outros trabalhos lançados em sua carreira, como o lançamento de seu primeiro Livro Infantil “Amoras” em 2018, onde traz em seus versos a representação e identidade, com referências à religião e à resistência afro. E em 2019, lança o Álbum Amarelo e em 2020 o documentário.

RAP NAS AULAS DE HISTÓRIA: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”

Neste tópico, discutimos a utilização do álbum “Amarelo” e do documentário “Amarelo – é tudo pra ontem” na sala de aula, como forma de dinamizar o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, além de considerarmos um valioso recurso pedagógico, pois há nessas fontes, valiosas considerações acerca do tema.

Os trechos das músicas selecionadas serão apresentados de forma que possamos interpretar o que o autor quer repassar ao público, contextualizando assim com a história do Brasil. Emicida, em tantos trechos faz muitas reflexões e ao cantar “Deus, por que a vida é tão amarga? Na terra que é a casa da cana-de-açúcar” está fazendo referência a escravidão de negros trazidos da África, que manteve a economia colonial. Já o documentário constrói uma narrativa entre o presente e o passado. Percebemos então que essa proposta elucida a História e Cultura Afro, expandindo assim os resumos presentes em livros didáticos, estes que em sua maioria privilegia a história eurocêntrica.

Segundo o artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases⁹, a Escola prepara os estudantes para enfrentar muitas questões sociais, posteriormente, fora do ambiente escolar, e é indispensável também a presença da família para cumprir esse papel, tais questões estão pautadas atualmente, como por exemplo a discussão de pluralidade cultural e suas vertentes. No entanto, como nos lembra Costa (2019), a política educacional brasileira, além das influências culturais e sociais na forma como organizou e desenvolveu seu sistema educacional, foi também influenciada pela conjuntura e política econômica dos diferentes momentos históricos.

⁹ Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

No Brasil, a história africana passou a ser trabalhada dentro das salas de aula, a partir de constantes intervenções do movimento negro, ressaltando que a educação estava sempre presente na militância do movimento. Com o objetivo de corrigir injustiças históricas, dentro das leis que tornam obrigatório o ensino das culturas Afro e Indígena, Munanga (2009), no prefácio de seu livro “Origens africanas do Brasil contemporâneo”, propõe introduzir o conteúdo aos alunos fazendo algumas considerações antes de aprofundar nesta África que é tão complexa. Dentre esses momentos, seria que o berço do mundo é a África, pois foi no continente que se tem registros dos primeiros ancestrais, mas apesar de ser uma origem de mais de 100 mil anos que os Homo Sapiens foram para o resto do mundo, todas as pessoas são afrodescendentes, indicando ainda que a partir do berço da humanidade, houve muitas obras de negros como formador de civilizações.

É importante lembrar que se iniciou no Brasil, a partir da independência do país em 1822, a construção de uma cultura nacional, utilizando-se de símbolos, representações e comemorações nacionalistas para criar um imaginário social do país, em que as diferentes identidades pudessem ser uma identidade nacional homogênea, ocasionando assim, exclusões e desigualdades, até mesmo na historiografia brasileira.

Dessa maneira, é inviável pensar no Brasil sem a discussão da questão racial¹⁰. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares nacionais, “têm hoje força de lei e representam uma vontade de democratização e correção de desigualdades históricas na sociedade brasileira” (ABREU; MATTOS, 2008, p. 6). Pois a ideia de cultura uniforme esteve por muito tempo presente nas produções dos materiais didáticos.

Apesar de ações afirmativas, o país ainda é racista em decorrência de um longo período escravista, e mesmo uma parcela da população negra conseguir sua carta de alforria com o fim da escravidão em 1888¹¹, elas se depararam com a falta de moradia adequada e tiveram que ocupar espaços inadequados ou morar em bairros afastados do centro da cidade, pois não receberam nenhum tipo de ajuda após saírem das senzalas.

O processo de formação dos espaços de exclusão territorial torna-se significativamente mais forte com o fim da escravidão e com o início dos

¹⁰ É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (BRASIL, 2004, p. 13)

¹¹ O Brasil foi o último país do Continente Americano a abolir a escravidão.

trabalhos remunerados que marcam um período de profunda convulsão social. Os antigos escravos, agora libertos, tinham que encarar uma dura escolha: permanecer nas fazendas onde trabalharam a vida toda e continuarem a ser tratados como escravos ou migrar para a cidade em busca de uma nova vida e de algum trabalho remunerado (COSTA, 2013, p. 39).

Aqueles que conseguiam trabalhos, tinham que se sujeitar a péssimas condições e com baixa remuneração. Os cortiços se expandem então para preencher essas necessidades do mercado, mas com a expansão social dos grandes centros urbanos, os cortiços são tratados como fontes de doenças até que são erradicados. Os moradores então são forçados a se instalarem em áreas periféricas da cidade, nascendo então as primeiras favelas.

Em decorrência disso, percebemos então um país em busca de uma igualdade racial. Segundo a publicação de 22 de junho de 2020, da Agência Senado, 55% da população brasileira é negra (pretos e pardos), e que 71% das pessoas que morrem por assassinato, são negras, sendo que 76% negros são mortos em ações policiais, e apenas 24% de pessoas negras foram eleitas deputados federais em 2018, dentre outros dados, como a diferença de renda, pessoas analfabetas, pessoas que vivem sem rede de esgoto, tendo como fonte o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Conselho Nacional de Justiça (CNJ), O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério da Saúde. O artigo ainda reitera:

No Brasil, ser negro significa ser mais pobre do que o branco, ter menos escolaridade, receber salário menor, ser mais rejeitado pelo mercado de trabalho, ter menos oportunidades de ascensão profissional e social, dificilmente chegar à cúpula do poder público e aos postos de comando da iniciativa privada, estar entre os principais ocupantes dos subempregos, ter menos acesso aos serviços de saúde, ser vítima preferencial da violência urbana, ter mais chances de ir para a prisão, morrer mais cedo (AGÊNCIA SENADO, 2020).

Tais dificuldades são decorrentes de um processo que já ocorrem desde muito tempo, por isso, o movimento negro vem lutando para resolver os problemas na sociedade provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais que os marginalizaram tanto no mercado de trabalho, como no sistema educacional, político, social e cultural (DOMINGUES, 2007, p. 101).

Em consequência de todas essas lutas, foi promulgado a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira na Educação Básica, juntamente com a Lei 11.645/08, que introduziu a obrigatoriedade do estudo da história e

cultura dos povos indígenas, representando uma enorme conquista para ambos os movimentos, visto que esses povos tiveram importância na formação do povo brasileiro.

Pensando nisso, a proposta de luta contra o racismo e da discriminação racial na educação e através da música, em especial, utilizando o rap, pois “é necessário que os conteúdos não se transformem em emaranhados de informações, é a partir da busca de novas metodologias de ensino, que podemos aprimorar os conhecimentos socializados em sala de aula (SILVA; PIRES, 2014).

E partindo aos âmbitos análises, escolhemos primeiro a música “principia” pois ela abre o álbum, com a participação das Pastoras do Rosário¹², Fabiana Cozza e Pastor Henrique, é explicada no site do laboratório fantasma como aquela que:

inicia a narrativa do experimento social proposto pelo artista na perspectiva do amor e da fé. Uma maneira de abrir os caminhos para, em seguida, falar de coisas positivas. Regida pelo agogô, um dos instrumentos característicos do Candomblé, a faixa busca em sua sonoridade os caminhos da música sacra brasileira (LABORATÓRIO FANTASMA, 2019).

As letras possuem um discurso contra o racismo de forma estratégica e, em particular principia, faz refletir que embora se viva em uma difícil realidade, todos podem se lembrar que não há distinção entre as pessoas, pois o amor é o elo que une, e como canta o artista “tudo que nós tem é nós”. No trecho da música cantado por Fabiana Cozza, podemos também perceber uma manifestação em prol das vidas negras:

Tudo que bate é tambor
Todo tambor vem de lá
Se o coração é o senhor, tudo é África
Pus em prática
Essa tática
Matemática, falou?
Enquanto a terra não for livre, eu também não sou
Enquanto ancestral de quem tá por vir, eu vou
Cantar com as menina enquanto germina o amor
É empírico, meio onírico, meio pírico, meu espírito Quer que eu tire de tu a dor

Nos escritos de Walter Benjamin sobre a literatura como fonte, Remedi (2002) afirma que para o filósofo, a literatura revela o emocional, chegando assim em uma micro-história,

¹² Pertencentes a Capela de Nossa Senhora do Rosário da Antiga Irmandade dos Homens Pretos da Freguesia da Penha da França

pois se está falando da história de cada um no todo da história-processo. E principia é uma arte que fala sobre o amor, mas não o amor romântico, e sim aquele que cria e fortalece o elo entre as pessoas, quando traz a mensagem “Se a bênção vem a mim, reparto, invado cela, sala, quarto” confirma essa ideia da conexão entre as pessoas, o artista antes disso canta que “No tempo onde a única que ainda corre livre aqui são nossas lágrimas”, adentramos nas questões das opressões que muitos brasileiros vivem cotidianamente, é importante frisar ainda que o álbum foi lançado no começo de um novo governo, mas que em suas campanhas, os seus discursos eram contrárias ao amor. E voltando ao que Remedi (2002, p. 197) comenta sobre Benjamin, o autor afirma que mesmo os romances (neste caso, uma interpretação do eu-lírico sobre o amor) “[...] pode cumprir o papel de retomar uma história coletiva fadada ao esquecimento e à escuridão”.

Partimos então para a letra da música “Ismália”¹³, com participação de Larrisa Luz e Fernanda Montenegro que interpreta o poema de mesmo nome. Inicialmente, conta Emicida, essa música tinha ambição de juntar dois pilares do teatro, Ruth de Souza e Fernanda Montenegro em um dueto, mas Ruth de Souza acabou falecendo algumas semanas antes de iniciar as gravações.

Emicida ressignifica o sentido do poema e o compreende como uma metáfora do que é ser preto no Brasil, no trecho “Quis tocar o céu, mas terminou no chão. Ter pele escura é ser Ismália, Ismália”, entende-se que a música surge como uma maneira de falar aos ouvintes, que o racismo estrutural é real e que ocasiona muitos problemas psicológicos em quem sofre com preconceito, esgotando a saúde mental dessas pessoas e muitas vezes as levando ao suicídio. Nesse outro trecho da música:

Primeiro, sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o Deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala de vara eles, mano

Faz alusão a história do tráfico de negros provindos da África, os retirando de suas culturas, apagando suas histórias e os reduzindo apenas a cor de sua pele como argumento de inferioridade, os colocando em condições desumanas. O Brasil foi uma sociedade escravocrata por mais de três séculos, estavam no âmbito do trabalho e de produção forçados, e por isso foi criado um imaginário acerca dessa população na sociedade, um racismo estrutural.

¹³ O termo quer dizer “desejo de amor” em grego. A música teve como inspiração o poema de Alphonsus de Guimaraens que conta sobre uma moça que perdeu a sanidade mental, queria alcançar a lua no céu e ao mesmo tempo o reflexo da lua no mar, com isso, ela acaba morrendo.

Foi a partir do trecho a seguir da música Ismália que foi produzido o nome do tópico:

80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo
Quem disparou usava farda (mais uma vez)
Quem te acusou, nem lá num tava (banda de espírito de porco)
Porque um corpo preto morto é tipo os hit das parada Todo mundo vê, mas essa porra
não diz nada Olhei no espelho, Ícaro me encarou:
“Cuidado, não voa tão perto do sol
Eles num guenta te ver livre, imagina te ver rei”
O abutre quer te ver drogado pra dizer:
“Ó, num falei?!”
No fim das contas é tudo Ismália, Ismália

Esse trecho faz referência ao caso ocorrido no dia sete de abril de 2019, em que um carro foi fuzilado com mais 80 tiros por militares do exército brasileiro, na zona norte do Rio de Janeiro. Relevante ressaltar que o motorista chamado Evaldo dos Santos Rosa de 51 anos, era um homem negro, trabalhava como músico e segurança, foi assassinado na frente de sua esposa e filho, mas a resposta que tiveram no fim da operação: foram 80 tiros por engano.

O caso comoveu o país inteiro, e até mesmo houve manifestações na Avenida paulista com os dizeres em faixas “80 tiros em uma família negra, 80 tiros em nós!”, “parem de atirar em nós”, “basta de racismo” entre outros protestos. Há outras letras de músicas que também fazem referência a tal caso, como a música “canção infantil” de MC César “Como explicar que 80 tiros foi engano?”.

Então quando Emicida canta “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo” ele fala sobre racismo presente na sociedade, presente nesse e tantos outros casos como o de Genivaldo de Jesus Santos, de 38 anos, que morreu após abordagem de agentes da Polícia Rodoviária Federal em Sergipe, e em escalas internacionais, a morte de George Floyd sufocado sob o joelho de um policial branco, nos Estados Unidos.

Escolhemos a música Mandume com participação de Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzik e Raphão Alaafin, que faz parte do álbum “Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa”, pois em cada verso, há muitas referências que podem ser interpretadas, por exemplo, por professores e professoras em sala de aula, abaixo está um trecho da música:

Sem ideia torta no rap, eu vou na frente da tropa
Sem eucaristia no meu cântico
Me veem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico
Tentar nos derrubar é secular

Hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar
Oya, todos temos a bússola de um bom lugar
Uns apontam pra Lisboa, eu busco Omonguá

E por fim, “Eminência parda”, do Álbum AmarElo, com participação de Dona Onete, José Santiago, Papillon:

Meu cântico fez do Atlântico um detalhe quântico
Busque-me nos temporais (vozes ancestrais)
Num se mede coragem em tempo de paz
Estilo Jesus 2.0 (carai, Jesus 2.0)
Caminho sobre as água da mágoa dos pangua
Que caga essas regra que me impuseram

Para Barbosa (2017), o negro que foi segregado é tido ainda como uma raça inferior, ainda mais quando não possui o capital financeiro, é segregado duas vezes, mas quando se trata das mulheres negras, além da questão de classe e raça, têm o peso da questão de gênero. Então, para análise das músicas mencionadas, são levadas em consideração sua proporção nacional, se tem força para transformação do contexto em que estão inseridos o público e quem canta.

Em sua dissertação “Ensino de história, canção e Identidades afro-brasileiras: O rap como possibilidade” Celeste (2019, p. 64) afirma que “A partir dessa difusão musical do rap nos circuitos de produção e divulgação musical, atingindo um público mais amplo, e com o avanço das perspectivas dos Estudos Culturais, houve um avanço das análises do rap também nos meios acadêmicos”, no qual podemos encontrar diversas pesquisas sobre o gênero, utilizando a música como documento para pensar uma determinada época.

E como já citado, no documentário produzido a partir do álbum do cantor, é apresentado algumas considerações antes de iniciar a contextualização das músicas com a história do Brasil, sendo algumas delas:

O Brasil é o último país do continente a abolir a escravidão e com o fim desta, os negros foram abandonados à própria sorte e é seguida por políticas de branqueamento através do incentivo à imigração europeia, da demonização das culturas africana e indígena e as constantes atitudes no processo de apagamento total da memória da escravidão, e de toda contribuição não branca para o desenvolvimento do país.

São Paulo capital teve ascensão, e é marcada por um processo de gentrificação que descaracteriza regiões, como as centrais tradicionalmente preta e empurra essa população para as margens da cidade, sendo que pessoas pobres de outras localidades do país vão tentar uma

melhoria de vida na capital das oportunidades, mas acabam morando também nessas margens, nascendo então a cosmopolita, multicultural periferia de São Paulo.

A cultura hip hop que recebe esse nome nos Estados Unidos e se espalha por todo o planeta, é a plataforma pela qual os jovens da periferia encontram para se expressar, através do rap, break e grafite. Essas músicas se espalham pelas periferias do Brasil e se tornam um movimento de conscientização a respeito do racismo e da desigualdade social, e mesmo com o descaso da indústria, vende milhões cópias de disco e se transforma no primeiro grande veículo que conecta as classes operárias às ideias dos intelectuais pretos brasileiros, e é vinculada a todas as conquistas das classes trabalhadoras desde então. E embora as letras de rap sejam entendidas como sinônimo de denúncia, elas sempre foram mais que isso, se fundindo ao universo da música popular brasileira, principalmente o samba. Segundo o próprio Emicida, a respeito do racismo estrutural brasileiro, a cultura do rap emancipa jovens do país inteiro, inclusive economicamente, e elas só querem reescrever a história do país, muito mais do que querem dinheiro.

O documentário que aborda a contribuição da comunidade negra no país e mostra o processo de produção do show e até do próprio álbum, aborda essas considerações e outras linhas de raciocínio como a do samba e modernismo atrelado ao significado que o álbum produz. Mas, para se trabalhar com o documentário, é necessário que o professor ou professora esclareça aos alunos que a utilização de recursos tecnológicos como o audiovisual gradativamente está sendo utilizado como fonte ou material didático, isso não significa que aquilo que será apresentado é uma verdade absoluta, uma vez que as produções são originadas a partir de narrativas e visões sobre o passado. Para Bittencourt (2008, p. 109), “[...] é fundamental o cuidado com o método de leitura dos meios de comunicação e do uso da informática, de maneira que se propicie uma análise crítica das informações e do próprio suporte de comunicação.

É importante destacar que no álbum participam outros artistas brasileiros, inclusive do gospel, e a representatividade negra tanto no Álbum quanto no documentário não está presente somente nas letras das músicas, mas em muitos detalhes na composição dessas obras, seja na parte musical e instrumentos, no local escolhido para realização do evento, pois, mais uma vez enfatizamos, estar em um local que foi negado o acesso para a população negra no decorrer da história, produz um significado de pertencimento e que como cidadãos, todos tem direito de frequentar todos os espaços da sociedade, assim como também fala Emicida, no documentário.

Considerações Finais

Essas ações afirmativas da obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e Indígena nos currículos da Educação Básica valorizam as histórias e culturas de cada povo, buscando reparar as opressões sofridas por séculos. Propomos então a utilização da música rap como ferramenta pedagógica como forma de dinamizar a aprendizagem. Vale ressaltar que a partir da utilização também do documentário, não basta só assistir e tornar uma verdade, mas como historiadores, temos que analisar e sermos críticos na utilização do audiovisual como fonte para pensar e ensinar a história da cultura Afro-Brasileira.

A relevância do tema não cabe somente a pessoas negras, mas a todos os brasileiros, uma vez que se precisa ter respeito pelo próximo, “[...] enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, p. 17).

O movimento negro vem atuando e resistindo para que a história do Brasil, que foi ocultada dos livros, seja conhecida em diversos âmbitos, em especial na sala de aula, utilizando esses e demais recursos na construção de conhecimentos. Atualmente grandes nomes da música brasileira reforçam as contribuições culturais da população negra na constituição da sociedade, devendo sempre nos lembrar que a mistura de pessoas não foi harmoniosa, ao contrário disso.

Logo, a proposta da utilização do audiovisual de Emericida é relevante para utilização em sala de aula porque perpassa na história de muitos agentes que foram até mesmo apagados da historiografia, mas compreendemos suas importâncias para a história do Brasil. Sabemos que as escolas podem ser conteudistas, mas a História e Cultura Afro-Brasileira não podem se limitar a poucas páginas do livro didático, visto a complexidade do tema.

FONTES:

AMARELO. Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <http://www.labfantasma.com/amarelo/>. Acesso em: 28 dez 2021.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e**

africana”: **uma conversa com historiadores**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 21, nº41, janeiro-junho de 2008, p. 5-20.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In.: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, v.1., tradução Sérgio Pedro Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 3ª edição. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. História nas atuais propostas curriculares. In: _____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CELESTE, Sandro José. **Ensino de história, canção e identidades afro-brasileiras: o rap como possibilidade**. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

CONCEIÇÃO, Larissa Sobral. **O movimento hip hop como alternativa de fala para jovens da periferia**. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB – 10 a 12 de Junho 2010.

COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro de. **Das Senzalas às Favelas: Por onde vive a população negra brasileira**. Socializando, ISSN 2358-5161, ano 3, nº1, Jul, p. 145-154, 2016.

COSTA, Fernando. **Gueto ou favela?**. Romanica Olomucensia 25.1 (2013): 37–45 (ISSN 1803-4136).

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Tempo 12 (23), 2007, p. 100-122. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S141377042007000200007>>. Acesso em 30 set. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: global, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 235-289.

NASCIMENTO, Danielli Aparecida de Souza; SIMON, Cristiano Biazzo. **Hip hop e marginalidade: possibilidades de leitura**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/DanielliASNascimento>. Acesso em 10 out. 2022.

PIMENTEL, Spency. **O livro vermelho do Hip Hop**. Trabalho de Conclusão de curso da Universidade de São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Camargos. **Música e política: percepções da vida social brasileira no rap**. Dissertação do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia/UFU, 2011.

REMIDI, José Martinho Rodrigues. **Walter Benjamin e a fronteira entre literatura e história.** MÉTIS: história & cultura – v. 2, n. 2, p. 191-208, jul./dez. 2002.

RIGHI, Volnei José. **RAP: ritmo e poesia: construção identitária do negro ao imaginário do RAP brasileiro.** Brasília (DF), 2011.

SALES, Eric de. **O documentário na sala de aula: uma verdade absoluta para o aluno?.** ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

SILVA, Ademir José da; PIRES, Mateus Marchesan. **As letras de rap como recurso metodológico no ensino de geografia e na percepção do espaço vivido.** SBN 978-85-8015-080-3, Cadernos PDE. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_geo_artigo_ademir_jose_da_silva>. Acesso em 27 set. 2022.